

AS MULHERES ESCRAVIZADAS NA LUTA PELA LIBERDADE (PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL, 1850-1888)

MARINA RIBEIRO CARDOSO¹; JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – marina.cardosoufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas tem ocorrido um aumento expressivo de pesquisas na área de História Social da Escravidão. Desde as décadas finais do século XX, a historiografia tem ampliado o seu campo de análise, passando a visibilizar aqueles que não possuíam um espaço na construção da história, fazendo história a partir “de baixo”. Assim, mulheres, trabalhadores, escravizados, etc., passaram a tornar-se protagonistas das pesquisas de historiadores da geração atual assumindo a posição que muito lhes foi desconsiderada. Por conta disso, a presente pesquisa objetiva salientar, sobretudo, a mulher escravizada como agente de sua história e sua participação na construção da trajetória de outras pessoas, analisando as suas mobilidades e articulações no processo de busca e conquista da liberdade, tanto para si, quanto para outrem. Para esta discussão, a principal fonte de investigação serão as Cartas de Alforrias registradas na cidade de Pelotas, datadas de 1850 a 1888, período marcado pela promulgação das leis que ficaram conhecidas por seu cunho emancipacionista e pelo início da forte pressão do movimento abolicionista no Império. Além disso, o contexto é marcado, na região de Pelotas, localizada na província do Rio Grande do Sul, pela forte exportação de charque tanto para o interior, quanto para o exterior do Brasil, que provocou o alto índice de africanos e descendentes de africanos vivendo no território (VARGAS, 2016).

Experienciaram cotidianamente as tensões e o autoritarismo senhorial durante todo o período da escravidão, sob o qual se opuseram e lutaram dia a pós dia. Assim, as cartas revelam fragmentos de suas trajetórias e os processos que percorriam pela obtenção da alforria que ia além da liberdade representada por este documento manuscrito. Como aponta Sidney Chalhoub (1990), a carta de alforria estava associada à autonomia que almejavam para suas vidas. Entre agências (HAACK, 2019) e resistências (MOREIRA, 2006) que empenhavam sutilmente, buscavam conquistar a liberdade e apropriavam-se dos conhecimentos e articulações que estavam a seu alcance para que isso fosse possível. Entre eles estavam os ofícios que desempenhavam de portas adentro e de portas fora da casa senhorial, como a costura, a quitanda e todos os serviços domésticos que ocupavam-se para mantimento das propriedades. Eram ofícios que aprendiam ao longo de suas vidas e transmitiam umas para as outras, podendo servir como um importante caminho para a obtenção da alforria, individual e coletiva. Em vista disso, além de investigar as cartas de mulheres escravizadas, pretende-se analisar como as especializações poderiam estar influenciando em suas experiências de busca e conquista da liberdade.

2. METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente, a documentação que será utilizada no desenvolvimento desta pesquisa serão as cartas de alforrias. As mesmas estão

acondicionadas no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, o qual disponibiliza, *online*, um pdf com os resumos desta documentação. A partir deste foi possível organizar uma tabela em *excel* com todas as informações contidas nos registros dos documentos de liberdade. Para analisar esta tabela toma-se como exemplo dois trabalhos: o de Kátia Mattoso (2016), precursora nas pesquisas envolvendo esta fonte histórica, com análises aprofundadas sobre as informações que o documento revela sobre os escravizados e suas histórias; e o de Natália Pinto (2018) que, assim como Kátia Mattoso, averigua a totalidade possível das cartas de alforrias, pesquisando a documentação para a cidade de Pelotas. Ambas analisam e refletem quantitativamente e qualitativamente informações como a origem e nação dos alforriados, tipologia das cartas, valores, quem pagou por elas e ofícios, como pretende-se analisar aqui. No entanto, apesar de Natália Pinto (2018) trabalhar com a mesma região cujo recorte refere-se esta pesquisa, a mesma não as investiga com base em reflexões de gênero, o que busca-se fazer nesta pesquisa.

Para além da análise total das cartas, como propõe Carlo Ginzburg (1989), o método onomástico possibilita que, através do cruzamento entre distintas tipologias documentais, como os registros de batismos, de óbitos, inventários *post-mortem*, testamentos, etc., seja possível a reconstrução de fragmentos de trajetória de mulheres libertas na cidade de Pelotas. Tendo isso em vista, utilizara-se destas outras tipologias de fontes, objetivando compreender as suas experiências dentro e fora da escravidão. A análise destas trajetórias torna possível a reflexão sobre a interseccionalidade entre gênero, raça e condição jurídica, além de outros atravessamentos pessoais, como a maternidade, os reflexos das ocupações que desenvolviam na casa senhorial na obtenção de sua alforria, etc. Como destaca Keith Jenkins (2001) não há uma metodologia mais correta para que seja possível obter as informações que se busca sobre a temática pesquisada como, também, não obteremos as informações totais, apenas fragmentos sobre o passado, uma vez que é impossível reconstruí-lo em sua totalidade. Portanto, compreendemos que as informações que obteremos sobre a trajetória de vida destas mulheres são apenas fragmentos dessas histórias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao finalizar a organização da tabulação das cartas de alforrias, identificou-se a existência de 4.079 documentos. Como a historiadora Natália Pinto (2018) verificou, entre esta totalidade haviam cartas que continham a presença de mais de um escravizado sendo alforriado. Levando isso em consideração, identificou que, na prática, há 4.103 libertos por carta de alforria no período de 1850 a 1888 (PINTO, 2018, p. 86). Como esta pesquisa preocupa-se em investigar as cartas de mulheres alforriadas, adentrou-se nesta totalidade, o que revelou que delas, 1.974 eram de mulheres. Porém, estão incluídas 31 crianças e adolescentes que foram alforriados com suas mães, sendo 14 meninos e 17 meninas. Para chegar a um número final de mulheres que conquistaram a manumissão dentro deste período, primeiro removeu-se o número de filhos, obtendo o total de 1.943 cartas, para somar a este total, às 17 meninas alforriadas com suas mães, finalizando com 1.960 mulheres. Fica evidente que, mesmo se analisarmos pela ótica integral das cartas de escravizadas, que totalizam 1.974 se incluirmos seus filhos na soma (independente do gênero), ainda assim ficam inferiores ao número de homens alforriados neste período, uma vez que somam

2.129. Ao pesquisar a estatística populacional da cidade de Pelotas do período, através de Jonas Vargas (2016) tomou-se conhecimento que as mulheres escravizadas também estavam em menor número em relação aos homens no censo da cidade. Esta informação possibilita que seja inferida a sua relação com os dados obtidos nas cartas, isto é, a presença menor de mulheres entre elas. O que é bastante curioso, uma vez que Balhego (2020) verificou o contrário para a região de Canguçu, seguido por Scherer (2008, p. 75) para Rio Grande, Matheus (2012, p. 122) para Alegrete e Perussatto (2010, p. 155) para Rio Pardo. Os autores constataram o que foi argumentado por Kátia Mattoso (2016) referente às mulheres estarem predominantemente nos documentos de liberdade do Império.

Além disso, já está sendo possível verificar a presença dos ofícios entre elas. No entanto, percebe-se que não eram comuns nas cartas. Dos 1.943 documentos tabulados, apenas 376 tinham uma ou mais especialização mencionada. Isso não indica, entretanto, que estas mulheres não ocupavam-se de nenhuma atividade especializada. Talvez o escrivão, na hora de formular o documento, tenha apenas deixado de inserir a informação sobre a profissão da escravizada. Para além desta hipótese, a fonte mostra que eram cozinheiras, lavadeiras, mucamas, quitandeiras, costureiras, engomadeiras, serventes, rendeiras, para todo o serviço mas, essencialmente, escravizadas classificadas como de “serviços domésticos”. Estes ofícios poderiam ser importantes estratégias para a conquista da alforria uma vez que, de portas adentro, poderiam aproximar escravizadas da negociação pela carta de alforria com seus proprietários e, de portas afora, poderiam possibilitar mobilizações como a construção de redes afetivas e a comunicação com terceiros, alcançando informações que poderiam ser preciosas.

4. CONCLUSÕES

As conclusões desta pesquisa ainda são muito parciais, tendo em vista que as análises das informações contidas na documentação acabaram de ser iniciadas. No entanto, já está sendo possível perceber que, talvez, mesmo que uma parcela pequena delas tivessem ofícios mencionados em suas alforrias, eles poderiam funcionar como importantes caminhos na busca e conquista da liberdade, tanto individual, quanto coletiva. Mas, para além disso, as alforrias revelam, quanto fragmentos, que estas mulheres possuíam experiências de emancipação muito particulares como, por exemplo, a apropriação ou não de um ofício na obtenção da manumissão, uma vez que nem todas contavam com eles. Por fim, mesmo que haja um número menor de mulheres nesta documentação registrada na cidade de Pelotas, em comparação aos homens, a sua análise coloca-nas como agentes de suas histórias e na História Social da Escravidão que, por muito tempo, não levou em consideração as distinções entre os gêneros, sobretudo, o fato de que as mulheres tinham vivências muito distintas das dos homens (DAVIS, 2016) o que refletia em seu cotidiano e igualmente poderia refletir na conquista do documento de liberdade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALHEGO, Alisson Barcellos. **Para o bem e fielmente, sem dolo, nem malícia: ações de liberdade em Canguçu (1868-1887).** 2020. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: **A Micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

HAACK, Marina Camilo. **Sobre silhuetas negras**: experiências e agências de mulheres escravizadas (Cachoeira do Sul, c. 1850-1888). 2019. 231 f. Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001.

MATHEUS, Marcelo Santos. **Fronteiras da liberdade**: escravidão, hierarquia social e alforria no extremo sul do Império brasileiro (província do Rio Grande de São Pedro, Alegrete, 1829-1888). 2012. 239 f. Dissertação (Mestrado em História) – Unidade acadêmica de pesquisa e pós-graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

MATTOSO, Katia Queirós. **Ser escravo no Brasil**: séculos XVI-XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Justificando o cativo: A cultura de resistência escrava. In: **Império**: História Geral do Rio Grande do Sul. v. 2. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 215-231.

PERUSSATTO, Melina Kleinert. **Como se de ventre livre nascesse**: experiências de cativo, parentesco, emancipação e liberdade nos derradeiros anos da escravidão – Rio Pardo/RS, c.1860 – c.1888. 2010. 305 f. Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

PINTO, Natália Garcia. **Gerações de senzalas, gerações de liberdade**: experiências de liberdade em Pelotas/RS, 1850/1888. 2018. 253 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SCHERER, Jovani de Souza. **Experiências de busca pela liberdade**: alforria e comunidade africana em Rio Grande, séc. XIX. 2008. 194 f. Dissertação (Mestrado em História) - Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

VARGAS, Jonas Moreira. **Os barões do charque e suas fortunas**: um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2016.